



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE
LEITURA**

DANIELE DE FÁTIMA OLIVEIRA

NATAL-RN

2016

DANIELE DE FÁTIMA OLIVEIRA

**ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE
LEITURA**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Esp. Marinalva Lucas Raimundo da Silva.

NATAL-RN

2016

ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA

Por

DANIELE DE FÁTIMA OLIVEIRA

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Esp. Marinalva Lucas Raimundo da Silva (Orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof^a Ms. Maria Aparecida da Silva Miranda

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Esp. Valdemar Cordeiro Valle Neto

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA

Daniele de Fátima Oliveira^{1*}
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO:

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a concepção das práticas de leitura do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), utilizada, enquanto política pública que visa a alfabetização de todas as crianças brasileiras até os oito anos de idade. Buscou-se, por intermédio dessa pesquisa, observar, analisar e refletir a respeito do programa como prática de leitura na melhoria dos resultados do processo de ensino aprendizagem. Adotou-se como pressupostos teórico-metodológicos a análise da pesquisa qualitativa. O Município de Grossos é um dos que possuem um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica-IDEA abaixo da média nacional, atrelado a isso, está à questão da alfabetização, de modo que, alguns alunos, chegam aos oito anos, sem estarem devidamente alfabetizados. Nesse contexto, surgiu a predisposição de saber: como esse programa, tem contribuído na prática pedagógica do professor para que haja o desenvolvimento da aprendizagem da leitura na formação de alunos leitores no segundo ano do Ensino Fundamental?

Palavras-chave: PNAIC. Leitura. Alfabetização.

ABSTRACT

The article presents a reflection forward the design of the reading practices of the National Literacy Program in Certain Age (PNAIC), used as a public policy that aims the literacy of all Brazilian children up to eight years old. Sought, through this research, to observe, to analyze and to reflect on the program as reading practice to improve the performance of the teaching and learning process. The article uses qualitative research. The county of Grossos is one of those who have a IDEB (Education Development Index Basic), below the national average linked to the issue of literacy, so that some students become eight years old without being properly literate. In this context, it emerged the predisposing to know how this program has contributed to the teacher's pedagogic practice so there is the development of reading skills in the formation of reader students in the second year of elementary school.

Keywords: PNAIC. Reading. Literacy.

¹Aluna do curso de pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal-RN.

* Email: danieleoliveirapmg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização e o ensino da leitura de modo geral têm sofrido algumas mudanças ao longo da história da educação. Aspectos e conceitos levantados por diversos pesquisadores têm sido levados em consideração na concepção de como fazer para que as crianças que iniciam sua vida escolar aprendam a ler de forma adequada e satisfatória. O que tem sido alvo de reflexões tanto por parte de pesquisadores que tentam compreender o universo do ensino e aprendizagem como por parte dos educadores, que vivenciam o cotidiano dessas crianças no ato de conceber a aquisição das letras e, por conseguinte, das palavras que compõem um texto.

Compreendendo que a leitura e escrita são indissociáveis, e são resultados de busca por diversos caminhos seja pelo método sintético, ou pelo método analítico, mas, que precisa-se de fato adotar estratégias metodológicas que facilitem o acesso à leitura e que sejam eficazes alfabetização. O Município de Grossos se coloca como um dos que possuem um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica-IDEB, abaixo da média nacional, e nos últimos anos segundo as metas projetadas pelo Plano Municipal de Educação, apesar de ter avançado, deveria estar com melhores resultados.

Partindo desse pressuposto, a maior problemática se encontra no processo de alfabetização, de modo que, alguns alunos chegam aos oito anos sem estarem alfabetizados, e um dos fatores que também chama atenção é o nível alto de evasão desses alunos que estão apenas começando sua trajetória educacional. Assim, há uma necessidade de analisar de que forma esse processo de alfabetização está sendo executado na escola e se suas metodologias estão, de fato, melhorando a aprendizagem da leitura e da escrita desses alunos. Justifica-se, portanto, a necessidade de compreender a raiz dessas dificuldades como forma de encontrar uma metodologia que possa viabilizar em práticas pedagógicas que resultem na melhoria desses resultados, de modo que, reflexões como esta sirvam de entendimento sobre as nossas práticas educativas para que possamos planejar ações que culminem na elevação dos indicadores de qualidade no processo de ensino e aprendizagem, questionamos:

A hipótese é de que, a partir do processo de formação continuada no PNAIC, os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental têm desenvolvido metodologias significativas e prazerosas de leitura e escrita em sala de aula.

O estudo em questão apresenta reflexões acerca dos pressupostos que embasam o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa: reflexões sobre as práticas de leitura. A pesquisa tem como objetivo investigar se a metodologia utilizada no programa em questão

se adequa ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita de forma significativa, em especial na turma do 2º ano de alfabetização do ensino fundamental de uma escola pública da Rede Municipal de Grossos-RN.

Na pesquisa, utilizou-se do método de pesquisa qualitativa, aplicando uma entrevista com a professora da turma e um questionamento com esses alunos, cujos objetivos específicos são: a) identificar quais são as metodologias adotadas pelo PNAIC para o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita, e b) averiguar se as práticas de leitura e escrita utilizadas pelo professor são prazerosas para os alunos do 2º ano de alfabetização.

Para atender aos objetivos propostos a pesquisa foi organizada em dois tópicos. O primeiro tópico discorre sobre conceito e processo de aquisição de leitura, embasado em fundamentos teóricos, com discussões a respeito das diversas formas da criança adquirir o aprendizado na fase de desenvolvimento da alfabetização. No segundo, há uma descrição das metodologias de leitura defendidas e utilizadas pelas instituições educativas e suas práticas pedagógicas atuais, relacionando com uma das políticas públicas utilizadas pelo Governo Federal, que é o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa, explicitando as metodologias utilizadas nessa pasta com o intuito de avançar no processo de ensino aprendizagem nos anos iniciais.

Os subtópicos que se seguem, retratam, na verdade, a concepção dos resultados da pesquisa realizada, concebendo uma reflexão acerca da importância do programa para a alfabetização dessas crianças, quais os instrumentos utilizados nas práticas de leitura, como estas contribuem para a formação de crianças leitoras, obtendo então uma percepção desse espaço de construção da aprendizagem, e, por conseguinte, uma análise desse universo no sentido de promover uma reflexão sobre as práticas de leitura, de um modo geral. Dando sequência, tratamos das considerações finais.

Assim, o conteúdo a seguir deleita sobre o universo de descoberta do mundo da leitura para essas crianças que estão apenas iniciando sua vida educacional, sendo importante lembrar que, a forma como acontece esse ponto de partida na vida do aluno é imprescindível para as próximas conquistas.

1. O DESAFIO DE COMEÇAR: APRENDER A LER NOS ANOS INICIAIS

O conhecimento é fruto da organização em sistemas operatórios da inteligência, dos conceitos aprendidos tanto na escola como na vida e que,

por isso mesmo, estão vinculados ao sistema de valores e às motivações sociais e afetivas do contexto do sujeito (GROSSI, 1985, p. 11).

É sabido que, mesmo com todo avanço tecnológico observado na área de comunicação audiovisual, o ato de ler se torna fundamental na formação acadêmica do aluno, bem como na formação do cidadão, pois é através dela que se realiza o processo de transmissão, aquisição e transformação da cultura. Em busca de uma visão mais ampla, a respeito das práticas leitoras; discorreremos a seguir sobre como alguns autores conceituam esse processo de aquisição da leitura.

2.1 Leitura: conceito e processo de aquisição

Um dos grandes desafios das escolas brasileiras é a aquisição da leitura e da escrita nos anos iniciais, bem como, são objetos de alcance no entendimento dos objetivos descritos em documentos base da Educação Básica, esses que regem a Educação Fundamental. As crianças iniciam sua vida escolar já com a missão de chegar aos oito anos de idade com a competência de saber ler.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, documentos que embasam oficialmente o processo de aquisição de leitura, no sentido de esclarecer como acontece esse processo e, também, quais os objetivos determinantes que caracterizam que o aluno é ou não uma criança alfabetizada. De acordo com os PCN Língua Portuguesa (1997):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua, características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.(PCN´s LINGUA PORTUGUESA, 1997, p.41).

Ou seja, é preciso que o educador tenha a consciência de agir dentro da perspectiva de que o aluno já sabe aquilo que ele precisa aprender, oferecendo para ele a liberdade de interagir com o objeto, formulando seus conceitos, afim de que possa compreender o que ele está visualizando a seu modo, inicialmente, para que ele obtenha um significado que o estimule a querer descobrir e (re)construir o que foi escrito e/ou visualizado.

A leitura possui um conceito bastante abrangente, embora tenha um sentido específico quando se trata de caracterizá-la de acordo com a perspectiva do pensamento pedagógico relacionado à alfabetização das crianças que estão iniciando sua vida escolar. Ler é uma ação que requer uma metodologia sistemática, mas, que precisa ser prazerosa e, ao mesmo tempo requer, também, flexibilidade e compreensão por parte do docente para se obter um entendimento de que as crianças aprendem a ler com atos da leitura envolventes. Desse modo, deve-se levar em consideração às características pessoais do aprendiz e as características do texto verbal ou não verbal (aqueles produzidos por gestos, olhares, ações, imagens) relacionadas a um contexto; pois quando a criança inicia sua vida escolar, já inicia essa fase obtendo uma leitura e um conhecimento de mundo o qual ela pertence. Souza (1992) conceitua o ato de ler dizendo que:

Leitura é basicamente o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade. (SOUZA, 1992, p.22)

Há autores que discorrem a respeito do processo de aquisição de leitura buscando compreender como esse processo pode ser realizado e qual a forma mais adequada para que surja melhores resultados. Para entender melhor como acontece o aprendizado da leitura nos anos iniciais, é importante, a princípio, compreender quais são as etapas ou fases que tratam da assimilação do ato de aprender a ler, uma vez que, cada etapa tem um resultado a ser alcançado, metodologias a serem seguidas, e, é relevante, contudo, que se respeite as diferenças individuais e o grau de aprendizagem de cada aluno, uma vez que, não estamos lidando com máquinas e sim com crianças. Ferreiro (2006), afirma que:

Ser alfabetizado significa transitar com eficiência e sem temor numa intricada trama de práticas sociais ligadas à escrita. Ou seja, trata-se de produzir textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas, interpretar textos de variados graus de dificuldades em virtude de propósitos igualmente variados, buscar e obter diversos tipos de dados em papel ou tela e também não se pode esquecer, apreciar a beleza, e a inteligência de um certo modo de composição, de um certo ordenamento peculiar das palavras que encerra a beleza da obra literária (FERREIRO, 2006, p.09).

Alfabetizar, na compreensão da autora, já é o produto final do processo de aquisição de leitura no primeiro ciclo² de escolaridade, ou seja, uma criança inicia esse processo aprendendo a codificar letras, palavras, e por conseguinte, começa a ler com compreensão de sentido sobre o que a palavra, a frase ou o texto quer dizer. É neste sentido que está o desafio de alfabetizar.

Partindo do pressuposto de que o processo de alfabetização é a aquisição do sistema de escrita, e letramento é o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura, é possível compreender que esses dois aspectos da ação educativa, devem ser adquiridos de forma independente mas que um completa a ação do outro, ou seja, são indissociáveis. E isso é metodologicamente explicitado por Soares (2004), quando ela diz que:

Métodos de alfabetização alternaram-se em um movimento pendular: ora a opção pelo princípio da síntese, segundo o qual a alfabetização deve partir das unidades menores da língua – fonemas, sílabas – em direção às unidades maiores – a palavra, a frase, o texto (método fônico, método silábico); ora a opção pelo princípio da análise, segundo o qual a alfabetização deve ao contrário, partir das unidades maiores e portadoras de sentido – a palavra, a frase, o texto – em direção às unidades menores (método da palavração, método da sentencição, método global) (SOARES, 2004, p. 98).

É preciso que se tenha a consciência enquanto educador, que, todas essas metodologias são válidas pois o grande objetivo é a aprendizagem da escrita e da leitura; no entanto, é importante ressaltar que, deve haver um cuidado ao dar sentido àquilo que está sendo descoberto através do ato de ler. Pois, os registros de pesquisa retratam que essa realidade é construída e transformada ao longo do processo, quando se está interagindo com os diversos meios portadores da leitura.

Essa concepção ascendente de leitura foi sendo modificada à medida que as práticas educativas, influenciadas pelo construtivismo, foram ganhando espaço e sentido. Criando, nesse contexto, a visão da psicogênese do processo de aquisição da língua escrita. Solé (2014) diz que, há diferentes perspectivas de visão quando se trata do processo de aquisição de leitura. Segundo a autora:

Há modelos hierárquicos ascendentes – o leitor perante o texto, processa seus elementos componentes começando pelas letras, continuando com palavras, frases, em um processo ascendente, sequencial e hierárquico, que

² Ciclo corresponde aos três primeiros anos de escolarização do Ensino Fundamental I.

leva à compreensão do texto. [...]. O modelo descendente afirma o contrário, o leitor não procede letra por letra, mas usa seu conhecimento prévio e seus recursos cognitivos para estabelecer antecipações sobre o conteúdo do texto, fixando-se neste para verificá-las (SOLÉ, 2014, p. 04).

O educador não necessariamente precisa excluir um dos modelos relacionados na afirmação do autor para estimular o aluno a aprender a ler, mas saber utilizar cada modelo no momento adequado, tanto para a metodologia utilizada, quanto para trabalho individualizado com o aluno. É necessário seguir uma sequência como defende o modelo ascendente, uma vez que, para conhecer uma palavra, a criança precisa inicialmente conhecer as letras que compõem a palavra. Nessa perspectiva do modelo ascendente, a criança também tem muito a ensinar ao professor, quando se antecipa através de seu conhecimento prévio ao ler um determinado texto sem que conheça o que as palavras queiram dizer. Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que:

As crianças possuem conceptualizações sobre a natureza da escrita, muito antes da intervenção de um ensino sistemático. Porém, além disso, essas conceitualizações não são arbitrárias, mas sim possuem uma lógica interna que as torna explicáveis e compreensíveis sob um ponto de vista psicogenético. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 105)

O que só reforça a ideia de que, há um processo de aquisição de leitura que possuem determinados caminhos, porém, a criança já carrega em sua psicogênese a capacidade de compreender algo, partindo do seu ponto de vista daquilo que se está querendo que ela leia. Há uma leitura, neste caso, particular da criança antes mesmo desta decodificar o texto e, posteriormente, no decorrer do avanço de sua aprendizagem leitora.

No entendimento de Mortatti (2000, p. 56), a alfabetização se concretiza através de um processo subdividido e caracterizado por etapas. Ele afirma que “os principais métodos de ensino da leitura elementar atualmente em vigor são conhecidos pela seguinte denominação: antiga soletração ou alfabético, moderna soletração ou fônico, e o método por articulação ou emissão de sons.”

Assim, é possível obter uma compreensão no sentido de perceber que, a criança vai aos poucos construindo seu conceito de escrita, entendendo como ocorre o processamento de representação fonética a partir do que ela leu, e, ao mesmo tempo, do que ela mesma falou ao decodificar os sinais gráficos; desta forma e com essa percepção a escola caracteriza o discente, e o mesmo se percebe, como uma criança alfabetizada. A criança identifica a letra,

afirmando sua dúvida através da emissão do som daquela determinada letra, e vai formando a leitura da palavra, ela por sua vez visualiza a palavra, percebe a diferença entre elas e passa a distinguir cada letra visualmente, associando ao respectivo som, na maioria das vezes, com significado.

Todos nós, no momento que descobrimos como ler as palavras, temos a impressão que só, então, a partir deste momento é que descobrimos o mundo. Seja no caderno da escola, no outdoor exposto na avenida, no crachá da professora, nos rótulos de produtos de nossa casa, seja em qualquer lugar, tudo torna o aprendizado uma descoberta incrível, essa é a grande magia de descobrir onde tudo começou. Essa conquista, na verdade representa o começo do mundo a nossa volta e, também, para todas as crianças que aprendem a ler.

Considerando a importância da aquisição da leitura e tendo a sala de aula como um lugar onde ocorrem várias formas de comunicação em busca do conhecimento sistematizado. Passaremos a discorrer a seguir sobre as práticas de leitura imbricada ao Programa de Alfabetização na Idade Certa.

2.1 Práticas de leitura e o Programa de Alfabetização na Idade Certa

A aquisição da leitura é uma conquista que perpassa os limites das diretrizes curriculares expressas na educação como um todo, uma vez que, é através da expressão da linguagem vivenciada pela prática de escrever e ler o que se ouve ou que se vê, que as pessoas se comunicam, se ensinam, se assimilam, ou aprendem algo que não estava no seu entendimento. Freire (1982, p.13) já dizia, “a alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora”. Esse entendimento afirma que, ensinar a ler é um processo, e todo processo possui formas de desenvolver um meio ou método para se chegar a um fim.

Alfabetizar uma criança, requer planejamento, conhecimento e reflexão diária da prática educativa. Ensinar a ler, é uma ação que requer metodologia adequada, recursos necessários, e passos a serem seguidos. Compreender que cada etapa a de aquisição do aprendizado da leitura tem sua importância, e precisa de um planejamento constituído de ações diferenciadas é de grande importância para o educador, uma vez que, este vai estar trabalhando um cenário novo para aqueles que desconhecem o mundo alfabético, além de lidar com as dificuldades eventuais de cada um, advindas do cenário externo ao da escola, pois essas problemáticas também contribuem de alguma forma para a aprendizagem do aluno em sala de aula.

É, portanto, interessante conhecer quais os tipos de metodologias que facilitam o desenvolvimento do conhecimento da leitura, de modo que, é através dessa diversidade de elementos que a criança passa a ter mais possibilidades de descoberta desse mundo tão complexo e vasto que é o da alfabetização e do letramento. A forma como a escola, o professor, o coordenador pedagógico, e a própria família atuam, no sentido de buscar uma ação inovadora que possibilite o aprendizado da leitura para essas crianças, deve fazer todo sentido quando da compreensão desse universo nas séries iniciais. Ferreiro e Dias (2002, p. 08) afirmam que, “as estratégias de leitura são capacidades cognitivas de ordem mais elevada e intimamente ligadas à metacognição”.

O Ministério da Educação é dotado de documentos que embasam a educação brasileira como um todo. Assim como, muitos pesquisadores também estudam e comprovam quais os melhores caminhos a seguir quando precisa-se que a criança aprenda a ler. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, como um desses documentos que norteiam o trabalho pedagógico das escolas brasileiras, a respeito da fase de alfabetização, afirma que:

Durante o primeiro estágio previsto para durar em geral um ano, o professor deveria ensinar o sistema alfabético da escrita (a correspondência fonográfica) e algumas convenções ortográficas do português, o que garantiria ao aluno a possibilidade de ler e escrever por si mesmo (BRASIL, 2012p.22).

O contexto pelo qual foi se progredindo a questão da prática de alfabetizar é um pouco complexo, visto que, há aqueles que defendem o método tradicional de decodificação, e aqueles que defendem o construtivismo como relação de ponto de partida para qualquer tipo de aprendizado nas mais diversas áreas, inclusive no tocante à leitura. Martins (2011) diz que:

Os antigos métodos de alfabetização baseavam-se no conhecimento das letras, primeiramente, decorava-se ao alfabeto (as sequências das letras), depois se aprendia a formação das pequenas unidades sonoras que são as sílabas e a palavra vinha em decorrência desse aprendizado. (MARTINS, 2011, p. 31).

Cagliari *apud* Martins, (2011) afirma que, “com a entrada das cartilhas no processo de alfabetização, a educação se mostrou meio sem rumo, porque ficou fora do controle docente” (p. 32). O que demonstra como a capacidade de compreender a alfabetização era limitada ao hábito de codificação das letras e sílabas. O exemplo disso é o método que, ainda

hoje, é presente nas salas de aula, como o ensino das famílias das consoantes, mais conhecida como BE-Á-BÁ.

Outra metodologia que também contribuiu para uma concepção desvirtuada do que é alfabetizar, foi a utilização do recurso livro didático. Este, surgiu como uma premissa de oficializar o currículo nas áreas temáticas, mas por se mostrar como um dos poucos recursos existentes no cotidiano escolar, findou por se transformar em um elemento de congelamento do aprendizado, visto que, na maioria das vezes, o professor ou a própria escola, ao invés de seguir um planejamento amplamente baseado nas competências e habilidades das crianças, seguem apenas um recurso, como plano de ensino, neste caso, o livro didático.

O ensino fundamental de nove anos traz uma discussão amplamente divergente, no sentido de que, para alguns pesquisadores a criança está sendo inserida no contexto de alfabetização um ano mais cedo, portanto, tendo a possibilidade de começar a se familiarizar com o mundo alfabético por mais tempo. Por outro lado, educadores e/ou outros pesquisadores desenham esse novo ciclo de alfabetização como um vício, do qual se está usurpando um ano de infância da criança, visto que, as mesmas passam a ter uma rotina mais regular no sentido de realizar atividades, provas, entre outras avaliações, que tornam o ambiente educativo tradicional e cansativo; havendo assim, uma dualidade no ambiente que deve ser alfabetizador e progressivo.

Essa divergência dá sentido ao viés de que, ensinar a ler deve ser um processo que ocorra com planejamento, objetivo e itens elaborados no sentido de promover a construção de habilidades e competências neste sentido, mas, principalmente, que deve ser uma ação realizada para o aluno de forma prazerosa, dinâmica, contínua e diversificada. Assim, o aluno não recebe esse ano de ensino como uma imposição da prática educativa atual, mas como uma possibilidade a mais de aprendizagem, inclusive de alfabetização.

Essas transformações governamentais do setor da educação nacional surgiram com base em diagnósticos realizados no intuito de saber onde estão os problemas da educação brasileira. E foi, também, a partir dessas pesquisas que surgiram documentos que embasam as políticas governamentais ligadas à educação. Como, por exemplo, documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais que foram elaborados no intuito de melhorar a qualidade da educação brasileira, bem como, recursos como cartilhas de abc, livro didático e outros elementos, também, tiveram e têm sua contribuição no avanço dessas práticas. No entanto, não somente a conquista da escrita alfabética garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita. Mas, também, a aprendizagem exige um trabalho pedagógico bem mais elaborado e sistematizado.

Neste sentido, o desafio de alfabetizar, atualmente, está relacionado não ao período ou faixa etária, uma vez que, as crianças se inserem nesse ambiente um ano antes, mas sim está interligado com as metodologias que poderão ser utilizadas nesse processo para que a criança tenha o direito a aprender de forma prazerosa e adequada, sem que a escola ou o professor exija algo que não seja compatível com a competência que ela precisa ter e com o grau de aprendizagem e/ou dificuldade da mesma. A compreensão dessa problemática está em criar possibilidades de aprendizagem da leitura de forma dinâmica, e que, ao mesmo tempo, obtenha bons resultados, no tempo esperado e/ou orientado por lei.

Ensinar e aprender a ler, requer muito mais do que, metodicamente, repassar conteúdo ou decorar sílabas advindas de uma mesma consoante. É preciso levar em consideração, a diversidade do grau de compreensão e aprendizagem desses alunos, a heterogeneidade, as competências e habilidades dos mesmos, a presença de um ambiente favorecedor da prática de leitura, um acervo propício e diversificado que estimule a continuidade do processo, o despertar do pensamento lógico e criativo, bem como, uma política de formação de alfabetizadores, e, por conseguinte, de leitores.

De acordo com essa perspectiva, surge o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa, que constitui uma ação governamental que visa alfabetizar todos os alunos até o terceiro ano do ensino fundamental. O Programa conta com o envolvimento articulado do Governo Federal, Governos Estaduais e Municipais, que assinam um termo de adesão e aderem à essa política pública, e busca, com essa perspectiva, mobilizar recursos e metodologias, com o objetivo de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do terceiro ano do ensino fundamental.

A política pública, citada, é resultado de uma série de pesquisas no sentido de dar resolução a questão da problemática da aquisição de leitura, num contexto geral o qual vivenciam as escolas brasileiras. Segundo o material de formação fornecido pelo MEC (2014):

As ações do PNAIC apoiam-se em quatro eixos de atuação: 1. Formação Continuada presencial para professores alfabetizadores, e seus orientadores de estudo; 2. Materiais didáticos, obras literárias, obras de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais; 3. Avaliações sistemáticas; 4. Gestão, controle social e mobilização. (BRASIL, 2014, p. 10).

A formação Continuada oferecida aos professores alfabetizadores que aderem ao Pacto, tem duração mínima de dois anos, que contempla o total de 120 horas/ano, e o curso propõe estudos e atividades práticas, importantes para a construção de uma concepção

inovadora a respeito das práticas educativas referentes a leitura e a escrita nos anos iniciais de escolaridade. Esses encontros são conduzidos pelos orientadores de estudo, que por sua vez, também realizam formações específicas para exercer tal função. Assim, no decorrer do curso, os professores têm a possibilidade de participar de uma formação adequada, adquirindo a capacidade de compreender melhor a respeito dos direitos de aprendizagem do aluno que estão inseridos neste cenário de ciclos de alfabetização.

A formação do professor nas séries iniciais deve abranger o conhecimento de que o aluno – leitor deve, necessariamente, ser levado a mobilizar uma série de estratégias, tanto de ordem linguística como de ordem cognitiva – discursiva, com fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas, preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participar de forma ativa, na construção do sentido do texto para assim poder aprender a ler (ALBUQUERQUE, 2010, p.19).

O professor incentivador da aprendizagem da leitura deve se mostrar inicialmente um bom leitor. Sendo de grande importância que os alunos o vejam como alguém que sabe o que está fazendo, e passe segurança naquilo que está oferecendo e desempenhando em sala de aula, podendo assim, despertar o desejo desses alunos em descobrir o que está por traz das entrelinhas de uma boa leitura. Assim, o alfabetizador, deve ser o principal causador da aproximação das crianças com o universo dos livros.

O programa se inclui como metodologia de incentivo à leitura nas escolas públicas brasileiras, uma vez, que é organizado por uma equipe que tanto inseriu em seu contexto pedagógico os objetivos de aprendizagem dos alunos, quanto à forma como deve ser trabalhado as metodologias pelos professores que compõem esses níveis de ensino.

Segundo o material de apresentação, o programa estimula ações reflexivas do professor sobre o tempo e os espaços escolares, possuindo cinco princípios centrais orientadores:

1. Currículo Inclusivo, que defendem os direitos de aprendizagem de todas as crianças, fortalecendo as identidades sociais e individuais; 2. Integração entre os componentes curriculares; 3. Foco na organização do trabalho pedagógico; 4. Seleção e discussão de temáticas fundantes em cada área do conhecimento; 5. Ênfase na alfabetização e letramento das crianças (BRASIL, 2012, p. 03).

Em 2013, o programa iniciou sua trajetória com formação em língua portuguesa, e em 2014, avançou sua metodologia inserindo as formações na área de matemática. Já em

2015, houve alguns avanços e transformações no formato de suas ações, ampliando essas metodologias para as demais áreas do conhecimento.

Para entender melhor a relação entre a metodologia do PNAIC, e sua relação com o processo de aprendizagem da leitura nos anos iniciais, é necessário, antes de tudo, compreender que, o objetivo do programa é justamente, fazer com que todas as crianças saibam ler até os oito anos de idade, ao finalizar o terceiro ano do ensino fundamental.

Assim, as metodologias do programa, neste caso, se apresentam como elementos formadores no processo de aquisição de leitura, uma vez que, devem servir como caminho para o letramento, por parte do aluno, bem como, por parte do professor para reflexão e ação transformadora de sua prática educativa.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa nos desvela, por meio de um de seus eixos estruturantes (materiais didáticos e pedagógicos) – composto por um conjunto de materiais específicos para alfabetização – a apresentação de uma ampla e diversa reflexão teórica sobre a alfabetização, e os caminhos para a utilização em sala de aula dos jogos pedagógicos, acervo do PNBE e PNLD, assim como, uma reflexão sobre o trabalho com o sistema de escrita, que é o alicerce do programa em nossa perspectiva (RODRIGUES, 2015, p. 03).

São essas ações que se inserem no modelo de prática inovadora do letramento na atualidade, e, se congrega juntamente como uma política que objetiva a diminuição dos índices de analfabetismo, bem como, do número de crianças que chegam ao terceiro ano do ensino fundamental, com uma aquisição satisfatória e prazerosa da leitura, logo caracterizada como uma criança leitora.

Algumas práticas metodológicas já se constituem em caminhos para uma melhor aprendizagem. Segundo Jean Piaget (*apud* ALMEIDA, 2003), o jogo é uma das formas de alfabetizar considerada mais apropriada, permitindo a essas crianças, uma aprendizagem mais prazerosa, o autor “Se refere ao jogo como uma importante atividade na educação das crianças, uma vez que, lhes permite o desenvolvimento afetivo, motor, cognitivo, social e moral e também favorece a aprendizagem de conceitos” (PIAGET, *apud* ALMEIDA, 2003 p. 28).

É importante destacar que, a metodologia dos jogos, embora seja uma forma dinâmica de promover uma brincadeira, é uma ação planejada, com objetivos propostos, competências e habilidades a serem alcançadas, sendo que, o diferencial dessa prática está em justamente, proporcionar uma aprendizagem prazerosa, provocando no aluno, o desejo

de aprender, de uma maneira bastante familiar, uma vez que, o jogo é considerado uma atividade frequente no cotidiano das crianças.

As metodologias de leitura utilizadas no PNAIC, orientadas pela equipe que compõe o funcionamento e o trabalho pedagógico do programa, contam com recursos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), e Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), ambos, oferecem à rede pública de ensino, um acervo de obras literárias das mais diversas tipologias textuais, bem como, livros didáticos que compõem os conteúdos das áreas temáticas trabalhadas de acordo com a grade curricular, respectivamente. Assim, os educadores e os alunos são providos desses recursos, criando dessa forma, receitas específicas no intuito de avançar no processo de aquisição da leitura nos anos iniciais.

Trabalhar com gêneros textuais são uma das ações que fazem parte da metodologia do programa. O professor é orientado a criar e realizar atividades diferenciadas, de acordo com o tipo ou gênero de texto a ser trabalhado. A contação de historinhas infantis, sequenciada por questionamentos sobre os personagens, enredo, elementos e razão que compõem a história, estão incluídos nesse processo de aquisição da leitura, uma vez que, esta precisa fazer sentido para então ser trabalhado os códigos linguísticos os quais compõem esses textos.

As metodologias utilizadas em sala de aula pelo PACTO, são constituídas de atividades que desenvolvem o senso crítico do leitor (aluno), além disso, acabam por provocar o raciocínio lógico, a criatividade, e o entendimento melhor das letras, palavras e textos, uma vez que, estes são trabalhados de acordo com o universo existente ao redor do cotidiano da criança.

Leitura deleite, leitura de contos infantis, historinhas criadas pelos próprios alunos, acompanhadas por uma sequência didática relacionada aos elementos existentes nos textos; construção de frases com palavras que fazem parte da vivência do aluno; listagem de palavras que compõem a vida da criança, não somente no contexto escolar, mas também familiar; questionamentos levantados a partir do contexto da história, no intuito de fazê-los compreender a ideia central daquilo que está se lendo. Reconstrução de enredos, através da ação criativa de promover uma nova leitura, com olhar mais aprofundado. Todos esses aspectos metodológicos fazem parte do cenário de leitura promovido pelo PACTO, e são presentes hoje, numa visão de ensino aprendizagem, que une os métodos de aquisição de leitura, do mais tradicional ao mais construtivista.

A apropriação da escrita alfabética não significa que o sujeito esteja alfabetizado. Essa é uma aprendizagem fundamental, mas para que os indivíduos possam ler e produzir textos com autonomia é necessário que eles consolidem as correspondências grafofônicas, ao mesmo tempo em que vivenciem atividades de leitura e produção de textos (PACTO, 2012, p. 22).

O Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa, trabalha de acordo com as orientações dos cadernos de formação; os aspectos que são de grande relevância, são os recursos avaliativos, que compreendem uma das etapas de sua realização, quais sejam: avaliação processual, que acontece quando os professores se encontram e trocam experiências e metodologias, dificuldades e desafio; as avaliações informatizadas, que é justamente o orientador de estudo, que contribui através de um sistema, com a alimentação dessas informações no decorrer do processo, como exemplo tem-se a Provinha Brasil, e, por conseguinte, uma avaliação coordenada pelo INEP, onde se avalia o nível de alfabetização das crianças ao final do terceiro ano do ensino fundamental.

No decorrer da realização dessas etapas, pode-se obter uma concepção a respeito da compreensão leitora dos alunos que compõem essas turmas do ensino fundamental. Cada ano de ensino tem suas metodologias específicas, bem como, as competências e habilidades referentes ao grau de aprendizagem determinados para aquele nível de ensino aprendizagem. É com base nesse pressuposto, que são avaliados os níveis de aprendizagem referentes à leitura. A Provinha Brasil é constituída de uma metodologia de natureza escrita, mas perpassa por atividades que trabalham as competências cognitivas diversas, inclusive a habilidade da leitura.

O caráter do processo educativo na educação básica se transformou em uma possibilidade de desenvolvimento dessas práticas de leitura, porque toda ação realizada dentro do ambiente escolar precisa vir embasada de um planejamento que contenha os objetivos que se precisa atingir. O programa, neste caso, se institui com a missão de oferecer um caminho mais planejado, organizado, prazeroso e que possui resultados concretos, ou seja, que a criança esteja alfabetizada ao final do terceiro ano do ensino fundamental.

O desafio está em contribuir no sentido de tornar o processo de aquisição de leitura um momento de descoberta, acompanhado de prazer e vontade de construir ainda mais do que já se descobriu. E esse caminho só pode ser traçado, com o compromisso do professor que deve ter a função de alfabetizador e estimulador, através da realização de metodologias de leitura que desempenhem um papel provocador frente ao aluno. Estas precisam ser reafirmadas em sala de aula de forma cotidiana, constante e progressiva. Todo esse caminho

possui uma orientação pedagógica, constituída por orientadores, coordenadores, material didático e instrumentos avaliativos, e, é justamente esses aspectos que fazem toda a diferença, ao tornar possível o conhecimento leitor, e a prática de leitura, que é uma descoberta inovadora e positiva na vida da criança.

Para tanto, passaremos a discorrer sobre a metodologia utilizada para a compreensão da leitura no processo de alfabetização e como a sala de aula se torna importante como espaço de ação e reflexão na formação do aluno e, também, do professor que precisa ter um saber profissional competente e específico de sua função.

3. O PRAZER DE LER: A ALEGRIA DA CHEGADA

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível muda-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes. (FREIRE, 2000, p.33)

O tópico a seguir trata da parte prática da pesquisa propriamente dita. A forma como foram realizadas as estratégias de busca pela raiz do problema, e como se chegou às determinadas conclusões. Descrição do espaço e o tempo estudado para compreensão das metodologias existentes, bem como o cenário no qual se contextualizou todo o trabalho e revela os atores envolvidos; bem como, a absorção dos itens encontrados no decorrer do trabalho, observação e análise de todos os aspectos relacionados ao Programa e suas metodologias como caminho de encontro entre as crianças e sua formação leitora. Moresi (2003) diz que, a pesquisa qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação do fenômeno e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais da abordagem (MORESI, 2003, p. 8-9).

Assim sendo, daremos início a pesquisa e análise dos dados conforme exposto a seguir:

3.1 Metodologia da pesquisa

São os métodos que possuem caráter mais geral. São responsáveis pelo raciocínio utilizado no desenvolvimento da pesquisa, ou seja, “[...] procedimentos gerais, que norteiam o desenvolvimento das etapas fundamentais de uma pesquisa científica (ANDRADE *apud* BONAT, 2009, p.23).

A pesquisa em questão de origem qualitativa, analisa as metodologias de um processo educativo. Inicialmente, foi realizado um estudo sobre a literatura que retrata o problema levantado. Após essa fase inicial, veio a pesquisa de campo, que possibilitou a realização das etapas de observação do ambiente pesquisado, atores envolvidos, aspectos metodológicos utilizados.

Depois dessa etapa, foram levantadas as hipóteses com base no que foi observado no decorrer da elaboração dos objetivos propostos. Por conseguinte, procedeu-se com as entrevistas aos alunos e com a professora da turma, com questionamentos relacionados à prática do PNAIC e as práticas de leitura utilizadas.

A escolha em aplicar um questionário como instrumento para absorção de respostas proporcionou colher informações a respeito da concepção que os alunos têm sobre o que é saber ler, além de detectar através de uma auto avaliação sobre o que eles imaginam a respeito do conceito de aprendizagem da leitura. As perguntas feitas aos alunos foram as seguintes: 1) Você já aprendeu a ler? 2) Você gosta de ler? 3) Qual o espaço melhor, dentro da escola, para praticar a leitura? 4) Que tipo de leitura você mais gosta?

Para obtenção dos resultados, os alunos foram sendo chamados, individualmente, sem a presença dos colegas, em uma determinada sala, e no momento que foram questionados era perceptível uma expressão de surpresa, visto que, demoravam um pouco para responder, ou então, precisava-se perguntar mais de uma vez para que alguns entendessem o sentido da pergunta. Após o momento da pergunta, à medida que eles respondiam, as respostas iam sendo digitalizadas, tal qual, eram faladas.

Dando continuidade ao procedimento metodológico utilizado, foi iniciada a fase de amostra da pesquisa, demonstrando o universo estudado, computação dos dados, e interpretação das respostas adquiridas. Finalizando, com uma análise da prática leitora em consonância com as práticas do programa PNAIC.

3.2 Amostra da pesquisa

A turma pesquisada estava no segundo ano do ensino fundamental pertencente a uma Escola Pública de Ensino no Município de Grossos-RN; sendo interessante colocar que uma das razões pelas quais foi escolhida como campo para a pesquisa é que, a referida turma é uma das que possui um baixo índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB), o que está intimamente relacionado com a dificuldade da aprendizagem de leitura nos anos iniciais, Ensino Fundamental I, da instituição citada. Vejamos esses índices na tabela 1, que demonstra o IDEB nesses anos de escolaridade. No que consta, por exemplo, as metas projetadas a partir de 2013 não foram atingidas.

Tabela 01 - IDEB - Anos Iniciais (1º ao 5º ano)

| IDEB OBSERVADO | | META PROJETADA |
|----------------|------|----------------|
| MUNICÍPIO | 2013 | 2013 |
| GROSSOS | 3,3 | 3.7 |

Fonte: PME/GROSSOS

A turma selecionada para a realização da pesquisa possui um total de vinte e cinco alunos, com faixa etária de sete anos; todos frequentam as aulas e não há, até o presente momento, caso de evasão. Por ser uma turma que faz parte do ciclo de alfabetização dos anos iniciais, houve interesse em procurar saber, enquanto turma intermediária do ensino fundamental I, incluído na perspectiva do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa, como ocorre a realização dessas metodologias de leitura, e de que forma, elas contribuem para a aquisição da alfabetização. Todos os alunos foram entrevistados e percebeu-se a grande dificuldade na aprendizagem da leitura, bem como, em assimilar e contextualizar os conhecimentos prévios adquiridos no dia-a-dia e ou no espaço de sala de aula. Todos esses alunos contemplam uma das séries envolvidas no PACTO; portanto, público alvo das ações programadas para serem realizadas nesse processo.

3.3 Análise do corpus

No processo de análise dos dados coletados, os pesquisadores precisam superar três grandes obstáculos: a ilusão do objeto mostrar-se exatamente como é; a preocupação maior com técnicas e métodos do que com a riqueza do material, e a dificuldade de relacionar teorias e conceitos com dados coletados. (MATOS E VIEIRA, 2001, p. 65)

Para que a análise dos dados seja realizada com uma maior neutralidade possível, é importante compreender a forma como será feita essa análise, uma vez que, é crucial para o respaldo da pesquisa que, a mesma, seja procedida sem a interferência pessoal do pesquisador, esse busca interpretar os dados de acordo com os objetivos elencados e o método utilizado. É importante, também, levar em consideração se a hipótese levantada apresentou um resultado positivo ou não para a pesquisa, e, se a problemática do trabalho deu origem a uma orientação ou encaminhamento em prol de uma nova ação. Com essa compreensão, os aspectos analisados foram organizados por ideias que se basearam nos seguintes pressupostos: a) Ambiente observado; b) A prática do professor; c) Práticas de leitura do PNAIC.

3.3.1 Ambiente observado

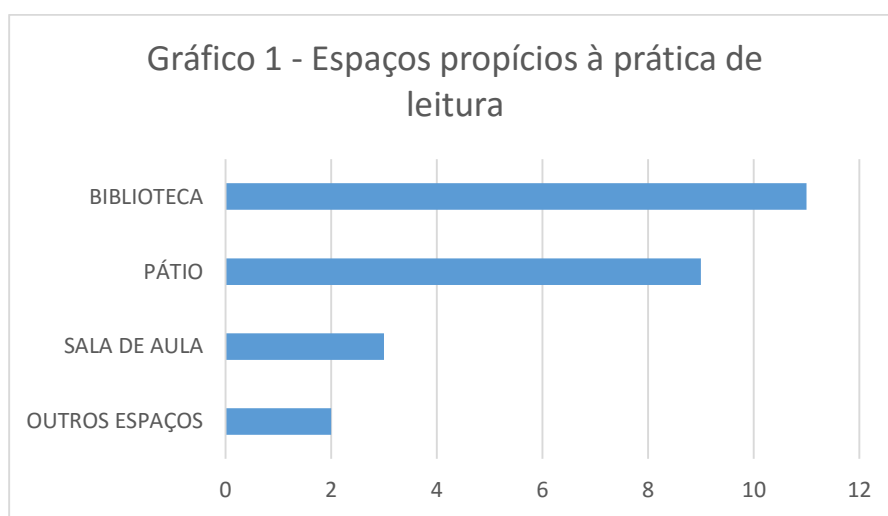
O espaço observado durante a pesquisa não restringiu a sala de aula do segundo ano do ensino fundamental, mas todo o ambiente que contempla o período de aprendizagem do aluno, a começar pela sala de aula. Contextualizando esse universo, é interessante colocar que, um cenário que promova o hábito da leitura, precisa conter instrumentos específicos para esse objetivo. Que nesse espaço contenha opções de descoberta da leitura, representadas por imagens, figuras, confecções de símbolos, e outros aspectos que façam sentido ao processo de desenvolvimento da capacidade leitora.

O que se observou foi uma sala de aula com espaço reduzido, número de alunos intermediário, onde os mesmos possuem dificuldade de se locomoverem, no entorno da sala. As cadeiras são enfileiradas, mas um fato interessante é que elas estavam organizadas em grupo, o que facilita a comunicação verbal e a troca de informações, saberes e experiências entre eles. Presença de letras do alfabeto expostas nas paredes, desenhos referentes à linguagem matemática, e um espaço de produção para os alunos. Um dos aspectos positivos, observado, foi a existência do cantinho da leitura, espaço utilizado pelos alunos onde ocorriam a contação de historinhas pela professora ou contação de história que partia da vontade própria das crianças no momento leitura deleite produzida neste espaço, além de

proporcionar um incentivo a mais para as crianças se familiarizarem com os livros, nos momentos livres, no decorrer da aula também, estimula o gosto pela leitura.

De acordo com o PACTO, o ambiente alfabetizador precisa conter aspectos que favoreçam o interesse e outras atividades de descoberta do aluno. Assim, foi possível perceber que, o ambiente em questão favorecia a aprendizagem da leitura no tocante a confecção de materiais expostos no entorno da sala, bem como, na organização espacial dos alunos, além disso, eles contavam também com sala de informática, biblioteca, pátio, e outros ambientes. Nesses espaços, foi observado que, o aluno possui opções de leitura, inclusive no pátio, estão pintados, no chão, jogos de xadrez, amarelinha, permitindo à criança, um espaço de ludicidade, que pode ser utilizado também nas práticas de leitura fomentadas pelo programa.

De acordo com o questionamento feito nesse aspecto, e as respostas dadas pela turma, o ambiente que mais torna a prática da leitura agradável, dentro da escola é a biblioteca, cujo espaço é dotado de climatização, silêncio, livros diversos e algumas almofadas e cadeiras. Permitindo assim, a promoção do ato de ler, de forma agradável e prazerosa. O gráfico abaixo demonstra a opinião desses alunos, com relação a ação exposta:



Fonte: Alunos do segundo ano do ensino fundamental.

No gráfico 1, que trata do espaço propício à prática da leitura verificou-se que, 11 (onze) dos 25 (vinte e cinco) alunos entrevistados, responderam que, o melhor espaço para praticar o ato de ler era a biblioteca, por diversas motivações. Dessa amostra, 09 (nove) escolheram o pátio, alguns desses alunos desses 09(nove) chegaram a colocar a importância do uso desse ambiente em momentos que não sejam no mesmo horário do intervalo. E a sala

de aula também foi citada por 03 (três) desses alunos, e 02 (dois) opinaram por outros espaços como no ambiente da escola, ao ar livre, e, sala de informática.

Sendo possível analisar que, o aluno se interessa em aprender a leitura justamente em espaços que propicie, de forma agradável, a sua aprendizagem, que incentive a sua imaginação e criatividade, e, assim, lhe ofereça opções diversas de leitura e construção desse conhecimento. Por isso, a biblioteca se inseriu nesse cenário como o ambiente mais favorável a prática da leitura.

O PNAIC, através de suas orientações coloca que, o ambiente alfabetizador, precisa ter aspectos de um local que deixe a criança a vontade e ao mesmo tempo, a estimule a perceber que descobrir a leitura deve ser um momento prazeroso e não um processo cansativo. Assim, para os alunos do segundo ano ir a biblioteca é uma ação frequente e que eles gostam bastante, uma vez, que já tem esse hábito trazido pela perspectiva da ação do PACTO.

3.3.2 A prática do professor

Outro elemento favorecedor de análise no intuito de compreender como pode ser solucionada a problemática da pesquisa, é o professor; a sua postura enquanto alfabetizador e as práticas educativas defendidas e utilizadas por ele. O planejamento das aulas, com ênfase nos objetivos de aprendizagem de leitura, e a execução dessas metodologias praticadas.

O professor da turma pesquisada, tem formação em pedagogia, especialização em educação infantil, atua no município há oito anos, especificamente nos anos iniciais. Pertence ao quadro de professores efetivos do Município. O docente, demonstrou bastante organização e domínio em sala de aula, além de alcançar uma boa porcentagem de fidelidade entre seu planejamento e sua prática diária. Possui flexibilidade quando os alunos interrompem o percurso da aula, para dar suas contribuições; mantém um cronograma de atividades balanceado, de acordo com a grade curricular e as demais disciplinas.

No aspecto, metodologia de leitura, o professor acompanha as orientações coordenadas pelo orientador de estudo do programa, além, das orientações da coordenação pedagógica da escola. E, com base, nas observações realizadas em sala de aula, foi possível presenciar o empenho do professor, citado, no intuito de proporcionar uma aprendizagem da leitura mais prazerosa às crianças do segundo ano do ensino fundamental.

Em uma das observações feitas com relação a prática do educador, percebeu-se a sistemática das ações didáticas e de incentivo à leitura que o mesmo oferece aos alunos.

Iniciou uma aula com conteúdo de linguagem, utilizando-se de explanação do conteúdo no quadro, e após isso, expôs um slide com conteúdo para estudo de sílabas diferenciadas. Os alunos por si só, não se mostraram muito interessados ao copiar a leitura do quadro, porém, ao visualizar a exposição de figuras e palavras através do slide, despertou neles, o desejo de saber o significado do que estava sendo estudado. Nesse momento, foi interessante perceber que, a postura do alfabetizador não foi de bloquear as contribuições dos alunos, mas sim, de provocar neles, a curiosidade de aplicar o que estava sendo assimilado, para a vivência no seu dia a dia. De modo que, tornou a aula interessante, diversificada, prazerosa, resultando na construção do conhecimento linguístico de forma contextualizada.

O professor observado, de acordo com o que foi visualizado, possui algumas limitações, como por exemplo, o espaço que constitui a sala de aula, não é propício a aprendizagem leitora, além disso, foi possível identificar, algumas características dele, como por exemplo, uma linguagem mecânica enraizada, que poderia ser melhorada.

O profissional pesquisado possui competência e capacidade leitora, e isso é um pré-requisito do programa de alfabetização na idade certa, pois o professor leitor estimula o aluno a se tornar leitor. Assim, resultando na concepção de que, em alguns aspectos o alfabetizador apresenta pontos vantajosos com relação à prática leitora dos alunos do segundo ano, porém, precisa refletir melhor sua prática com relação às influências marcantes que possui do método tradicional, e avançar nas práticas educativas, de modo que elas possam se tornar mais inovadoras.

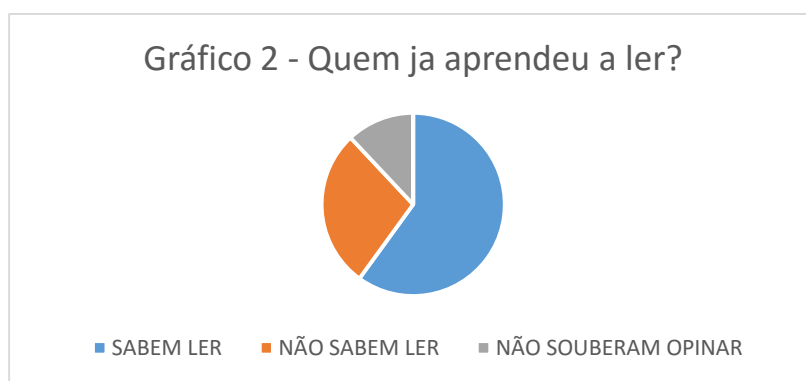
3.3.3 Práticas de leitura

O aspecto que mais foi estudado, observado e analisado no decorrer desse processo de descoberta científica, foram as práticas de leitura. O trabalho consiste, principalmente, na hipótese de que a partir do processo de formação continuada no PNAIC, os professores dos anos iniciais de escolarização têm desenvolvido metodologias significativas e prazerosas de leitura e escrita em sala de aula.

Assim, as metodologias da pesquisa, nos levaram a respostas bastante interessantes que condizem com a comprovação da hipótese levantada, embora, também seja importante elencar fatores que não foram atingidos, uma vez que, o programa também tem seus aspectos

a serem melhorados, e as práticas que são utilizadas em sala de aula ainda necessitam de avanço para construir uma aprendizagem mais satisfatória com relação à leitura dessas crianças.

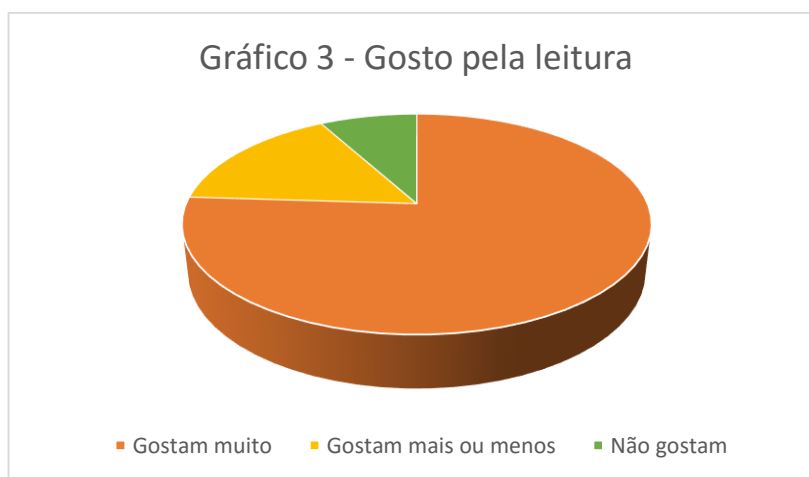
Os dados apresentados, nessa seção, indica a percepção dos alunos com relação ao conceito de leitura, e uma autoconsciência de compreender se eles sabem ou não ler palavras, frases e/ou textos apresentados na sala de aula. O primeiro questionamento correspondeu a uma auto avaliação deles, e o resultado foi bastante interessante. Da totalidade de 25 alunos, aproximadamente, 60% ao serem questionados disseram que sabiam ler. 30% tem consciência de que não sabem ler, mas, pronunciam algumas palavras como: bola, casa, bota. E outros 10% não tem essa informação a respeito de seu próprio conhecimento. Vejamos essa representação no gráfico 2:



Fonte: Alunos do segundo ano do ensino fundamental

É importante lembrar que, não há um conceito estruturado da concepção de saber ler. Algumas crianças decodificam palavras, frases e textos. Outras possuem uma leitura prévia daquilo que visualiza, mas não tem a competência de decodificar. E outras possuem a junção dessas habilidades já no segundo ano do ensino fundamental. Na turma pesquisada, foi possível observar que, dos 25 alunos questionados, 18 são aqueles que sabem ler, de acordo com a perspectiva de letramento, 4 são aqueles que são alfabetizados mas possuem dificuldade na compreensão da leitura, e 3 os que realmente ainda não possuem o domínio da leitura. Outro fato peculiar é que, a maioria não compreende o conceito de leitura, e acredita que sabem ler.

Os alunos também foram questionados a respeito do gosto pela leitura e a motivação que os levaram a gostar da leitura. A tabela abaixo possui esse demonstrativo:



Fonte: Alunos do segundo ano do ensino fundamental

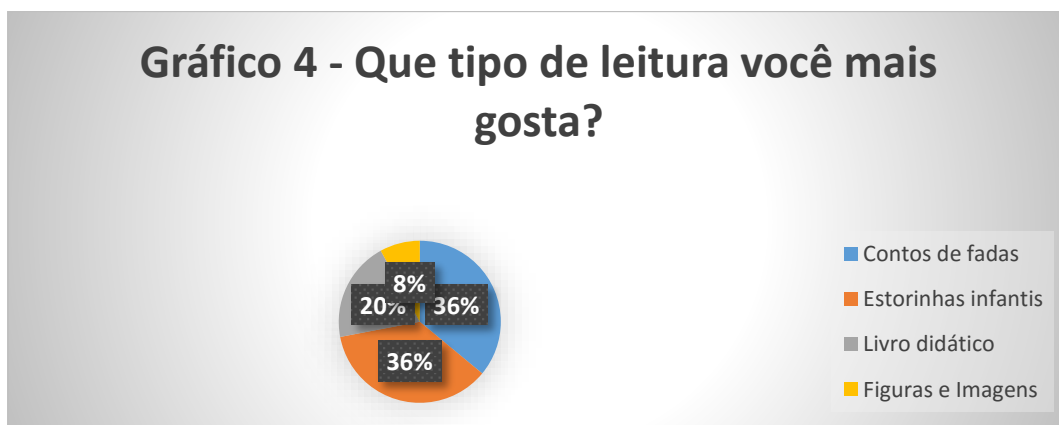
Esse demonstrativo aponta que, 76% dos entrevistados possuem o gosto pela leitura, de modo que estão sempre encontrando formas de desenvolver sua habilidade leitora. 16% responderam que, gostam mais ou menos, ou não gostam muito de praticar o ato de ler, e de acordo com as respostas encontradas, eles preferem realizar atividades referentes a cálculos, ciências naturais, sociedade, e/ou brincadeiras em geral.

As motivações referentes a esse questionamento tem relação com o hábito de estudar ou ler em casa, na escola, e no ambiente em que estão inseridos esses alunos. Foi perceptível que, aqueles que responderam de forma positiva a pergunta, declaravam ter o hábito de leitura nas atividades de casa, juntamente com os pais. Já aqueles que não gostam ou gostam pouco, relataram que fazem as atividades de casa com ajuda da mãe, mas em casa, não há livros de histórias que o estimule a ler, ou que, dificilmente se lembram de realizar tais atividades.

Por conseguinte, foram elencados na coleta desses dados, a respeito das metodologias de leitura utilizadas no programa e se estas estão presentes na turma do segundo ano do ensino fundamental, na escola pesquisada.

Os recursos utilizados na realização de atividades propostas pelo PACTO, são advindos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e Programa Nacional do Livro Didático(PNLD); estes por sua vez, são considerados obras literárias de caráter diferenciado, o primeiro corresponde a gêneros literários como: historinhas infantis, contos de fadas, crônicas, livros de literatura infantil de um modo geral; já o segundo, corresponde ao livro didático anual, que contempla as disciplinas das áreas temáticas.

Foram espalhados pela mesa, recursos literários, de ordem diversificada, com a seguinte classificação: Contos de fadas; Historinhas Infantis; Livro didático; livros somente com figuras e imagens. Os alunos então foram questionados sobre qual a leitura que eles mais gostavam. A partir dessa dinâmica, computou-se as respostas dadas aos alunos com relação ao uso desses recursos e o resultado está representado na tabela abaixo:



Fonte: Turma do 2º ano de Escolarização do Ensino Fundamental

O gráfico acima demonstra que, 8% dos entrevistados gostam de ler figuras e imagens, ou seja, o que pode refletir o viés daqueles que não sabem ler ou que não conseguem decodificar palavras ou frases, e, por isso, preferem a facilidade de visualizar a imagem e, por conseguinte lê o que estão vendo. 20% gostam de ler sílabas, palavras, frases e/ou textos do livro didático, o que também pode representar uma preferência por esse tipo de leitura é, que a professora transcreve no quadro e eles conseguem memorizar ao escrever no caderno. Mas, um resultado interessante com relação a esse questionamento foi a porcentagem entre o recurso conto de fadas (36%) e o recurso historinhas infantis (36%), compreendendo assim a maior parte da amostra. Desse modo, é possível afirmar que, os recursos utilizados e que as crianças mais gostam são pertencentes ao gênero literário. É importante entender que, esses recursos fazem parte do universo da criança, provoca sua imaginação, transforma sua fantasia em realidade, desperta a criatividade, e por essas razões torna a leitura mais prazerosa, tendo como consequência um melhor aprendizado para elas.

As práticas de leitura observadas no transcurso das aulas orientadas pelo material do PNAIC foram as seguintes: explanação de textos; contagem de estorinhas, contos de fadas e outras, como: confecção de quadros demonstrativos a respeito das leituras realizadas; questionamentos sobre todo o contexto e o universo contemplado pelas historinhas

inventadas, por eles mesmos; Atividades de escrita e leitura, relacionando enredo, personagens, cenário da história. Dentre outras, que correspondiam a atividades complementares.

Portanto, as atividades citadas compreendem as práticas de leitura importantes ao processo de aprendizagem da leitura dessas crianças do segundo ano; de modo a apresentar uma relação estritamente significativa entre o papel do programa e as metodologias de leitura existentes nesse ambiente pesquisado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender a ler é uma conquista, em meio a esse cenário educacional que perpassa a atualidade, onde se vê muito mais crianças com um telefone móvel de última geração do que com um livro. Desse paradigma surgem diversas problemáticas referentes ao ato de ensinar e aprender a ler.

O trabalho realizado estudou, de modo geral, como pode se dá o processo de aquisição de leitura nas instituições educacionais, compreendendo que, há diversas metodologias apresentadas a esse processo, através do uso de métodos sintéticos e/ou analíticos. Métodos esses, analisados, conforme a perspectiva do PNAIC, e suas práticas de leitura.

Com base nos objetivos propostos pela pesquisa, pôde-se concluir que, a oportunidade de experimentar práticas de leitura diferenciadas dá ao aluno a possibilidade de aprender melhor sobre a linguagem, quando oferecemos uma gama de gêneros literários os quais mostram ao aluno como esses usos são importantes ao seu dia a dia.

Outro resultado concluído foi que, o professor incentivador da aprendizagem da leitura precisa se mostrar inicialmente um bom leitor, e deve estar preparado para as discussões que irão surgir no decorrer dessa descoberta. Além disso, o mesmo deve também ser auxiliado pelo corpo pedagógico da escola, sendo ofertado ao mesmo, disponibilidade e diversidade de recursos, cuja classificação também são orientados pelo programa. Nessa perspectiva, pudemos perceber que, ainda, há uma distância entre o que ele encontra escrito no material do programa e sua realidade na prática diária dessas metodologias.

Com relação ao programa, foi possível chegar à conclusão de que, as metodologias adotadas pelo PNAIC são de grande importância para o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita, sendo as principais relacionadas a contagem e recontagem de histórias, bem

como, leitura deleite, onde o aluno se propõe a fazer o que gosta, embora este ainda precisa ser avançado no sentido de promover às escolas, recursos melhores com relação aos professores que devem ser valorizados, para realizar tais práticas, além de que, há necessidade de dar continuidade a essa formação, pois chega um momento que esses professores não conseguem analisar esses resultados.

Assim, com base no que foi pesquisado, acredita-se também que, de fato as práticas de leitura e escrita utilizadas pelo professor, com base na orientação do programa, e sua experiência em desenvolver a competência leitora são prazerosas para os alunos do segundo ano de escolarização, e isso se justifica quando o gráfico demonstra que, a maioria dos alunos gosta do hábito de ler.

Por fim, é importante ressaltar que, a resolução para a problemática da formação de alunos leitores, dentro da escola, não está no desenvolvimento de novos pressupostos metodológicos, como é o caso do PNAIC, uma vez que, em geral, são elaborados por especialistas ou pesquisadores, fora realidade da escola, mas que passa pela inovação da concepção que o educador tem sobre as práticas de leitura e o que está refletido na base de sua ação pedagógica.

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Michele Pereira. **A leitura e a atuação do professor nas séries iniciais.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos.** São Paulo, Loyola, 2008.

BONAT, Débora. **Metodologia da pesquisa.** 3ª edição. Curitiba. Iesd Brasil. 2009.

BRASIL, Secretaria da Educação Básica. Diretoria de apoio à gestão educacional. **Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa: currículo na alfabetização; concepções e princípios: ano 1: unidade I.** MEC/SEB, 2012.

FERREIRA, Sandra Patrícia. DIAS, Maria das Graças Borges. **A escola e o ensino da leitura.** Revista Psicologia em estudo. Volume 7. Pernambuco, 2002.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Artmed Editora. Porto Alegre. 1999.

FERREIRA, Emília. **Alfabetização em processo.** Cortez: São Paulo. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

MATOS, K. L. S.; VIEIRA, S.V. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer.** Fortaleza: Demócrito Rocha. 2001.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da pesquisa.** Brasília. Universidade Católica de Brasília. 2003.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização.** Cortez: São Paulo. 2006.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos.** UNIVESP. UNESP. Artmed Editora. Minas Gerais. 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Penso, 6ª Edição. Porto Alegre. 2014.

SOUZA, R. J. de. **Narrativas infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam.** USC. Bauru. 1992.

RODRIGUES, Amália Cristina Dourado. **Formação Continuada do PNAIC para uma alfabetização de sucesso.** Revista Fundamento. Volume 2. 2015.